

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

## A DISPUTA PELO AUDIOVISUAL

**Gustavo da Rosa Pires**; PUC-Rio; Rio de Janeiro;RJ; Brasil;  
gustavodarosa@gmail.com;

### RESUMO

Levando em conta que a atividade de produção cinematográfica é um gesto industrial e burguês, o presente ensaio mostra-se aflito em defender a escolha das palavras para docência e exercício crítico de tal profissão audiovisual. Uma reflexão sobre a Região Administrativa do Distrito Federal conhecida como Recanto das Emas é tecida a fim de ser evidenciado projeto de exclusão social na capital do país. Em seguida, é rememorada experiência integradora exitosa durante o período pandêmico: a produção do documentário "Pandemia, Para Quem?" - realizado por professores e estudantes do ProEJA do Campus Recanto das Emas do Instituto Federal de Brasília. O objetivo do texto é apresentar o conceito de 'Docência Adaptativa Itinerante' enquanto uma metodologia de preparo de alunos para enfrentamento de questões práticas da vida profissional. Em conclusão, é valorizado o contexto de sala de aula onde os participantes encontram-se dispostos de maneira circular para momentos de ensino-aprendizagem descentralizados.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos; Cinema; Pandemia; Docência Adaptativa Itinerante.

### ABSTRACT

*Considering that film production is an industrial and bourgeois activity, this essay is concerned with defending the choice of words for teaching and the critical exercise of this audiovisual profession. A reflection on the Administrative Region of the Federal District known as Recanto das Emas is woven to highlight a project of social exclusion in the country's capital. Next, a successful integrative experience during the pandemic is recalled: the production of the documentary "Pandemic, For Whom?" - made by professors and students of ProEJA at the Recanto das Emas Campus of the Federal Institute of Brasília. The objective of the text is to present the concept of "Itinerant Adaptive Teaching" as a methodology for preparing students to face practical issues of professional life. Finally, the text emphasizes the classroom context, where participants are arranged in a circular fashion for decentralized teaching and learning moments.*

**Keywords:** Youth and Adult Education; Cinema; Pandemic; Itinerant Adaptive Teaching.

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

## INTRODUÇÃO: O CÂMBIO DE POTÊNCIAS MUNDIAIS

Relato adiante algumas questões relativas à ideia do estado de constante escolha das palavras. Especificamente, no lecionar em determinado bloco de disciplinas técnicas do audiovisual, o de Edição de Vídeo. No Campus Recanto das Emas (CREM) do Instituto Federal de Brasília, tenho o costume de ministrar as matérias de 'Linguagens de Edição Audiovisual'; 'Ferramentas de Edição'; e 'Finalização do Audiovisual' desde 2019. São cursos onde inicio com a contraposição de dois vocábulos: *montagem* e *edição*. Afinal, qual devemos utilizar? O que quer dizer cada um? Haveria diferença? Essas perguntas podem ser respondidas ao avaliarmos a época e o contexto nos quais foram primeiramente empregadas.

*Montagem* remete a uma ideia de edificação, construção, sobreposição e justaposição. Feito a montagem de um brinquedo, a assemblagem por suas partes. Por sua vez, *edição* evoca a ideia de publicar, veicular, entregar e distribuir para o mundo. Como a edição de um livro. Montagem (*montage*) teria origem francesa e um pouco mais antiga. Edição (*film editing*), americana e, de certa forma, atual. Não raro, observa-se o emprego dos termos em sentenças como "Vou montar o filme e, depois, te entrego para você editá-lo, tudo bem?". Como alguém que combina que irá selecionar e estruturar o material bruto e, posteriormente, socializá-lo para que outro profissional intervenha esteticamente ou, até mesmo, subverta sua ordem, mas, acima de tudo, finalize o produto.

Sendo ainda mais objetivo: a distinção de tais substantivos dá-se após a Segunda Grande Guerra, com o câmbio de potências mundiais. No início do Cinema, o expoente cultural do planeta era a Europa, em outras palavras, a França e sua pujante cultura artística. Após o conflito - estando a Europa arrasada -, a grande força econômica passa a ser os Estados Unidos. Hollywood e sua cultura de grandes estúdios. O Cinema consolida-se ainda mais enquanto atividade industrial.

## THE POOR MAN'S PROCESS

Na indústria cinematográfica norteamericana, existe uma técnica chamada *The poor man's process*. No bom português, algo como "O processo do homem pobre". O imediatamente remete à ideia de improviso, gambiarra. Qualquer pessoa que tenha assistido a alguma série ou filme, provavelmente, já deparou-se com o emprego deste truque audiovisual.

A prática consiste na tripulação de um carro estacionado e no truque de fazer parecer com que o mesmo esteja se deslocando. Ao redor do chassi do veículo, são projetadas imagens de uma cidade em movimento. Embora o automóvel esteja em repouso, simula-se assim a impressão de que se está em trânsito. O procedimento existe para que sejam evitados acidentes durante filmagens e pela eventualidade de intérpretes não saberem dirigir. O que deflagra seu uso é o comportamento de atores ou atrizes em cena, conduzindo o veículo sem muito cuidado com os giros realizados em sua direção ou qualquer atenção com a estrada à frente.

Já tive a oportunidade de produzir similar efeito em aula com estudantes. Com um carro parado em estacionamento, descansamos uma lanterna sobre a bandeja de uma vitrola (aparelho que executa discos de vinil). Quando em funcionamento, o mecanismo fez girar a iluminação, criando uma intermitência de luz. Posteriormente, enquadramos o rosto do ator de maneira mais próxima, em um plano detalhe, e observar como a oscilação dos raios fizeram construir a sensação

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

da passagem do carro por baixo de diversos postes à noite. Restou apenas sacudir levemente o automóvel para produzir, ainda mais, uma impressão de movimento.

Peço que retornemos ao nome do exercício se chamar “O processo do homem pobre”! Chega a ser assustador. É horrendo adjetivar tal gesto de forma tão elitista. Como algo menor e relacionado à uma condição de miséria. Hoje em dia, o procedimento se tornou algo *démodé*, evidentemente falso e de estética datada. Sem contar o advento de *cameracars* que superaram essa técnica. Fica explícita a herança burguesa que a produção audiovisual logo traz consigo.

## PARENTALIDADES PRECOCES

Lecionar no Ensino Médio é tarefa deveras complexa. Recordo-me bem de como foi minha vivência do período enquanto estudante e não é equívoco afirmar que fui refém das mudanças endócrinas às quais meu corpo submeteu-se. Quaisquer emoções eram, em sua totalidade, muito intensas. Diariamente, o mundo parecia estar prestes a ruir. Hoje, é fácil chegar assertiva e cirurgicamente à essa análise, mas, à época, havia uma incapacidade de distanciar-me e avaliar que tamanho drama apenas prejudicava - e muito - o juízo.

Não considero menos complicada a docência na esfera outrora conhecida como Segundo Grau, ou ainda, Científico. Especialmente, na Educação de Jovens e Adultos, cuja população é constituída em sua maioria por pais e mães. E, talvez, seja esse o principal motivo por trás de históricos de fracasso escolar: parentalidades precoces. A urgência na sobrevivência. Tal público enfrenta jornadas duplas, por vezes, triplas. Acordam cedo para disputar espaço em transportes coletivos públicos; trabalham pela manhã e tarde; e estudam no período noturno. Em muitos casos, ainda precisam cuidar de seus lares, filhos e “dar conta” de seus cônjuges ao retornarem para casa. São estudantes cansados e que entram em sala já com os olhos a pesar.

É por eles que me coloco em posição de buscar dar um espetáculo! Mesmo tendo dado aulas matinais para um hormonal Ensino Médio regular e feito vespertinos encontros com um emancipado e altivo Ensino Técnico. Enquanto professor, também fico exaurido. Muito já me repeti, falei alto, me desgastei e fui até ignorado... Mas é por essas pessoas de cabeças “pescantes” que ousou atravessar fronteiras minhas. Não consigo evitar de pensar no artista de *stand-up comedy* que produz seu texto humorístico e o experimenta em diversas janelas de tempo. Para o público das 19 horas, depois, na sessão das 21h e, logo mais, na derradeira das 23. Feito uma fórmula, o conteúdo vai sendo ajustado. As premissas melhor elaboradas. E... *Boom! Punch line*. Algo que foi experimentado durante o dia é aprimorado para à noite. O tempo torna-se plástico. O conteúdo, mutável.

Meu primeiro contato com a EJA se deu a partir de disciplina propedêutica do ‘Bloco de Linguagens’ intitulada ‘Informática Básica’. Apesar de se tratar de um componente curricular de suma importância para a formação técnica de um indivíduo, considero-o alvo de profunda crise. Nos dias atuais, são raras as pessoas que têm contato com *desktops* ou *notebooks*. Os altares de

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

antigamente da tecnologia. Havia um enorme otimismo em relação aos computadores de mesa em sua gênese. Dispositivos que eram centrais em uma residência ou estabelecimento. Com o advento dos *smartphones* e a consolidação das redes sociais, esse comportamento provou-se um sonho distante. Cabe, agora, no bolso das vestes, eletrônicos domésticos processantes. Dispositivos que atravessam a porta de casa e ganham as ruas.

Então, por que ensinar sobre uma ferramenta que fora, de certo modo, escanteada? Ainda faz sentido? Sim, é essencial a sua admoestação! Não diminuo a importância de uma matéria como essa. Só considero complicada a sua execução. Atualmente, por amostra, os estudantes mal sabem redigir um e-mail corretamente. Digitam o conteúdo da ferramenta de comunicação no campo do assunto. Dominar essa maneira de correspondência é algo que, sim, deve fazer parte do currículo escolar. É de suma urgência que, de igual maneira, saibam identificar o que são *spams* e *clickbaits*! Identificar os componentes de uma máquina. Faz parte não somente da formação profissional de um adulto, mas de sua capacidade de navegar pelo mundo contemporâneo.

## O DESERTO DA PÓS-COLONIALIDADE

Em Brasília, Regiões Administrativas (RAs) não devem ser consideradas exatamente bairros. Se puder esboçar simetria com outra metrópole brasileira, o Rio de Janeiro, arriscaria-me a assemelhá-las às subprefeituras. O Recanto das Emas há consideráveis décadas, dizem ter se formado a partir de assentamento de pessoas com questões mentais. Quanto a isso, no caminho do Plano Piloto até a RA, é possível observar indicações para Centro de Referência de Assistência Social, Narcóticos e Alcoólicos Anônimos, unidades de recuperação e centros de progressão.

Eventualmente, o mencionado assentamento foi elevado à categoria de Região Administrativa. Mas isso não é incomum no Distrito Federal: espaços destinados a determinadas populações com intento de erradicar sua interação com os demais grupos sociais. Para piorar, o DF é lugar onde inexistem espaços mistos como praças e praias. As “castas” não se “misturam”. Não se vêem forçadas a interagir. É um contexto de muita vulnerabilidade econômica; conflitos sociais; ilícitos; violências; excessos. É triste informar, mas, quem olha o jornal percebe que toda semana alguém ali perece. Geralmente, pessoas em situação de rua e por armas brancas.

No Campus Recanto das Emas do IFB, dos 30 estudantes que, em média, entram semestralmente, metade finda o primeiro semestre. Ao longo do curso, cerca de meia dúzia de estudantes parecem comparecer às aulas. Geralmente, formamos três ou quatro, se muito, cinco. E, assim, concluo e defendo que essa modalidade necessita de bolsa para subsistir. A EJA corre o risco de acabar no país. Isso não é um problema apenas onde lecionei, mas entendo que é uma questão nacional. A Educação de Jovens e Adultos precisa ofertar bolsas de estudo aos seus estudantes para que os mesmos consigam reduzir suas jornadas de trabalho e estudar. São cidadãos que não têm a possibilidade de abrir mão do seu sustento. Então, a eles deve ser assegurada uma forma de remuneração para garantir permanência e êxito. Lecionar para a EJA não é uma questão meramente de retorno de recursos, mas de direito. Reparação.

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

## A PANDEMIA DO COVID-19

A periferia é palco onde coisas tendem a dar errado. E, geralmente, o fazem. A EJA sofreu muito durante a pandemia. Além de ser uma comunidade que não pôde ficar em casa, é uma que teve dificuldade severa com a digitalização dos processos acelerada durante o período. Como ensinar um estudante a mexer em um computador quando tal lição está sendo transmitida de forma remota? Como abordar de forma profunda o conhecimento sobre esses dispositivos quando o conteúdo está sendo consumido através do diminuto ecrã de um telemóvel? É incompatível. Paradoxal.

A solução que nós - grupo de professores formado pelos docentes Gustavo da Rosa Pires (Informática Básica), Leonardo Barbosa Rossato (Audiovisual no Brasil), Luiz Guilherme Burlamaqui (História) e Marcelo Jungmann Pinto (Filosofia) - encontramos foi a da integração de disciplinas. A fim de realizarmos a produção de um curta-metragem sobre o contexto tenebroso o qual enfrentávamos, unificamos nossos encontros, conteúdos e esforços.

Após algumas conversas, surgiram duas apostas: a primeira, de que a leitura crítica da realidade atrelada à linguagem audiovisual pudesse produzir um sentido de presença e uma experiência de ensino aprendizagem capazes de fraturar o regime sociotécnico da eficácia e do desempenho; a segunda, de que uma prática educativa orientada pelos saberes adquiridos em espaços de educação não-formal teria condições de propiciar uma construção integral, processual, contínua e coletiva do conhecimento, capaz de criar espaços para que os conteúdos, temas, teorias propedêuticas e técnicas fossem ressignificados pelos saberes, conhecimentos e fazeres locais dos estudantes. (PIRES *et al.*, 2022, p.XXIII)

Sendo um campus cujo eixo avança sobre o tema de Design e Produção Cultural, ofertamos uma formação profissional - e cidadã - nas áreas de Produção de Áudio & Vídeo e Animação Básica. Durante o anos de 2020 e 2021, unimo-nos aos estudantes do primeiro semestre do ProEJA - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, do IFB CREM. Os estudantes Mayane Dourado, Roberto Rivelino, Gleiciane Rodrigues, Derlon Dreyfus, Israel Mendes e Igor Montelo idealizaram o filme 'Pandemia, Para Quem?', obra audiovisual produzida com mensagens e áudios de *WhatsApp*, além de trocas de fotos e vídeos feitos com celulares. O documentário deu voz aos muitos e muitas dos chamados "serviços essenciais". Foram ouvidos diversos profissionais que não puderam parar e distanciar-se fisicamente, mas precisaram encarar o medo da morte e da infecção pelo coronavírus para garantirem o sustento de suas famílias.

Para além de colecionar prêmios como o oriundo do Edital 35/2020 da Reitoria do Instituto, o prêmio Re-Existências do Festival Recanto do Cinema e tornar-se um dos finalistas do Festival Filmaê, o maior efeito que o filme produziu foi fazer com que os alunos da turma se encontrassem dentro de uma lógica produtiva. Uma carreira audiovisual. Ainda que não pudessem migrar

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

imediatamente para a produção de vídeos, cada estudante passou a agregar a prática tecnológica à sua vida, considerando-a indissociável de seu labor a partir daquele momento.

## DOCÊNCIA ADAPTATIVA ITINERANTE

Outro objeto de crise pode ser considerada a disciplina da área técnica, 'Equipagem e Manutenção', do Bloco de Fotografia. Longe de ser um componente que forma profissionais autorizados a reparos em insumos de determinados fabricantes, a palavra *manutenção*, presente em sua graça, refere-se a boas práticas em *set*. Conduta e maneiras de uso para manter a longevidade dos equipamentos e evitar ao máximo depreciação desnecessariamente célere. O sentido no emprego do vocábulo jaz no desejo de manter em perfeito estado e funcionamento equipamentos audiovisuais.

Essa é uma disciplina que entendo problemática, pois o Cinema é uma prática que carece de dispositivos de última geração: equipamentos sensíveis, caros, importados, de dezenas ou até centenas de milhares de dólares, e, com termos em inglês ou francês. Tais premissas escapam à realidade do público da EJA. Ao lecionar tal matéria, sentia-me eructando ovas de esturjões aos participantes!

Entendo que não faz sentido ater-me a somente ensinar sobre o que é um *HMI* (não confundir com *HDMI*, meio físico de transmissão de áudio e vídeo em alta definição) por exemplo. O *HMI* é um equipamento que existe para simular a luz natural, em outras palavras, a luz do Sol. Uma lâmpada de dimensões graúdas e que contém em seu interior um material altamente tóxico quando disperso de seu tubo. Tal insumo possibilita velocidade na produção de um filme que fica à mercê da luminosidade do astro mencionado. O que anteriormente poderia durar meses de organização e espera, agora pode ser realizado em poucos dias. O que impacta diretamente na redução das custas de um projeto. É o tipo de equipamento que não se aluga apenas o objeto: sua locação acompanha a presença de um técnico formado em seu manuseio. Pelo alto valor da ferramenta e por seu alto risco de manuseio. Isso também expõe a turma a uma realidade de mercado onde não compensa o estímulo à competição, mas no fomento ao fornecimento de especialidades. "Vocês não devem se colocar no lugar de tentar competir com os melhores, mas de contratá-los para que possam abrilhantar suas produções", costumo dizer. Igualmente, parece-me infrutífero o mero elogio à coleção de instrumentos de trabalho. Principalmente, em se tratando de dispositivos díspares da realidade orçamentária do público-alvo das aulas. Logo, disciplinas extremamente técnicas como 'Equipagem', ao meu ver, devem tornar-se também espaço para oportunidades de ensino-aprendizagem de questões práticas do dia-a-dia de um profissional em formação. Observo que muitos desses estudantes não compreendem que existem instrumentos e caminhos legítimos para evitar que vivenciem situações de extremo dano. Como se elabora um orçamento? Como devo proceder para resguardar ambas as partes em uma transação comercial, ou seja, o que é e do que é constituído um contrato de negócios? De que maneira se emite um recibo? Devo formalizar-me enquanto empresa? Emitir notas fiscais e declarar imposto de renda? O que devo fazer caso seja alvo alguma forma de assédio no trabalho? Posso alguma garantia caso sofra acidentes durante o horário de serviço? De que maneiras posso assegurar atendimento médico bom e barato para a

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

minha família? Tenho a possibilidade de me associar a espaços de lazer? Afinal, para que serve a filiação a um sindicato? Julgo ser necessário celebrar organizações de classe. Por mais que sejam necessárias reformas, repaginações estruturais, sindicatos permanecem fundamentais - ainda que em contexto político que escancara escândalo de desvio de recursos e afiliações indevidas. Trata-se de uma disputa de organização do pensamento popular. A discussão deve ser conduzida pelo caminho da reforma e não da demolição.

Considero essa adaptação do conteúdo junto a tal modalidade de ensino algo que não é esporádico, mas diário. Por vezes, repetidamente durante os encontros. Chamo isso de 'Docência adaptativa itinerante'. A elaboração de um plano de ensino não deve realizada apenas às vésperas de um curso, mas constantemente ao longo de sua trajetória.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: REINVENTANDO A RODA

O lugar do professor é muito bonito. Ele transcende a condição de profissão, sendo uma espécie de missão. Mas isso não deve ser olhado de forma ingênua. Lecionar é profissão e precisa ser devidamente remunerada. É, mas não apenas é um gesto de amor ou exercício de afetividade. O professor carece cuidado. Qualquer argumento contrário deve ser considerado falacioso. É um trabalho que, às vezes, chega a transbordar às paredes de uma sala de aula e estende-se até a presença em delegacias ou hospitais. À compra, do próprio bolso, de suprimentos e remédios. A pandemia comprovou isso. E o capitalismo tardio nos enquadra na categoria de profissão de risco.

Reforça-se a minha obsessão pela constante escolha das mais oportunas palavras. O meu maior tormento enquanto professor é fazer-me entender por toda pessoa presente em sala de aula. Cada pessoa necessita que o conteúdo seja trazido de uma determinada forma. E meu trabalho é o de identificar a maneira que cada indivíduo requer a transmissão desse conhecimento. A sala de aula da Educação de Jovens e Adultos muito assemelha-se a de uma aldeia. Ali estão representadas todas as faixas etárias possíveis. Bebês chorosos passando de mão em mão; homens da guerra; meninas; mulheres; anciãs. Risadas diversas.

Qualquer seja a modalidade de ensino-aprendizagem, toda vez que adentro um recinto escolar, procuro dispor os participantes em círculo. É condenável enfileirá-los, colocando-os em posição de fitar a nuca do colega à frente. Não existe sentido em aplicar um sistema industrial a momento de profunda troca. A *toré*, a ciranda, deve estar presente até na sala de aula. Paulo Freire antecipa essa prática em seu conceito de 'Círculo de Cultura', onde o conhecimento deve ser compartilhado de forma dialética e homogênea. Contrária a maneira vertical imposta pela educação tradicional em que o docente jaz no centro da exposição e que somente suas falas, tidas como inquestionáveis, são apreciadas. Um falecido amigo e sócio condenava a docência em audiovisual. Ele dizia que esse gesto formava concorrentes. Ao meu ver, a partilha do conhecimento é um ponto de embate com quem compete. Não leciono a fim de produzir competição. Eu formo aliados. Anísio Teixeira dizia que a educação é fábrica de democracia.

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França. São Paulo: Cultrix, 2007.

CAMPOS, Haroldo de. (org.) **Ideograma**: lógica, poesia e linguagem. São Paulo: USP, 2000.

EAGLETON, Terry. **Ideologia da Estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

FORTY, Adrian. **Objetos de desejo**: design e sociedade desde 1750. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

MATIAS, Iraldo; SOARES, Danilo S. **Novos Fetichismos em tempos de toyotização**: Design e “Experiência”. In II Seminário Nacional de Teoria Marxista: O capitalismo e suas crises, 2016.

PIRES, Gustavo *et al.* **Pandemia, para quem?** Os Limites e as Possibilidades de uma Pedagogia Crítica em Tempos Pandêmicos. In Relatos de Experiências Integradoras Exitosas, 2022.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação para a Democracia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

WAHL, Daniel. **Design de Culturas Regenerativas**. Rio de Janeiro: Editora Bambual, 2020.